

La Comédiathèque

A pior aldeia de Portugal

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediatheque.net>

A pior aldeia de Portugal

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Alguns sobreviventes de uma aldeia moribunda, esquecida por Deus e cercada por uma autoestrada, decidem inventar um evento para atrair curiosos. Mas não é fácil transformar a pior aldeia de Portugal num destino turístico da moda.

Personagens:

Manolo (ou Manuela): dono(a) do bar

Maria (ou Mario) : esposa(o) do dono (ou da dona)

Tiago (ou Tiaga): professor(a)

Pedro: padre da aldeia

Francisco (ou Francisca): presidente(a) da câmara da aldeia

Carlos (ou Carla): tolo(a) da aldeia

Wendy: produtor(a) de televisão

Laura (ou Laureano): jornalista

Carvalho: comissário(a) de polícia

Da Costa: inspetor(a) de polícia

Fácil distribuição de papéis em relação ao género,
já que quase todas as personagens podem ser masculinas ou femininas.

Ato 1

Bar de uma aldeia conhecido como "Bar do Manolo", em Vilaburros da Igreja. Atrás do balcão, Manolo, o proprietário, um homem simples, lê o jornal local, enquanto Maria, sua esposa, um pouco mais esperta, seca os copos distraída. Entra Francisco, o Prefeito, um sujeito de linhagem antiga. Está elegantemente vestido, mas desatualizado.

Francisco – Bom dia, Dona Maria. A seus pés...

Manolo, um tanto carrancudo, mal tira os olhos do jornal. Maria parece acordar de um devaneio. Seu rosto ilumina-se ligeiramente.

Maria – Senhor Prefeito... Como está?

Francisco senta-se num banco junto ao balcão.

Francisco – Mais ou menos... Estou com uma leve dor de cabeça desde esta manhã, sem saber o motivo.

Manolo – Não me surpreende. Com a quantidade que bebeu ontem à noite... Isso se chama uma boa bebedeira.

Maria olha para ele com reprovação.

Maria (*muito amável*) – O que deseja beber, Dom Francisco?

Francisco – Vou tomar uma aguardente. Acho que vai me fazer bem.

Manolo – Sim... Convém equilibrar o ruim com o ruim...

Maria serve-lhe a bebida. Francisco agradece com um sorriso.

Francisco – Maria, hoje você está radiante.

Maria – Mudei ligeiramente a cor do cabelo. Meu marido nem percebeu.

Francisco – Querida Maria. Seu marido não merece uma mulher como você.

Maria – Gosto de mudar de vez em quando.

Manolo olha para ela com ironia.

Manolo – A única coisa que muda nesta maldita aldeia é a cor do cabelo da minha esposa. (*Manolo coloca o jornal no balcão*). Antes, mesmo que não se falasse de nós, pelo menos aparecíamos no mapa entre Vilaburros de Arriba e Vilaburros de Abaixo. Agora, nem sequer somos mencionados.

Francisco – Tem razão, querido Manolo. É isso mesmo. Somos os náufragos do êxodo rural. Nos ignoram na esperança de nos apagar completamente do mapa. Em breve, seremos como uma ilha deserta perdida no meio do Pacífico, longe de todas as rotas marítimas.

Maria – É verdade, Dom Francisco... Somos náufragos no meio dos campos de batata...

Francisco – À espera de que, como resultado do aquecimento global, estas terras a que nos agarramos acabem inundadas.

Manolo – Se ao menos tivéssemos uma praia...

Francisco bebe o Aguardente.

Maria – É triste, mas o que podemos fazer, Senhor Prefeito?

Francisco – "Senhor Prefeito"? Não acredito que continue sendo prefeito por muito tempo.

Manolo – Não será por medo de não ser reeleito...! Nunca houve outro candidato a prefeito em Vilaburros da Igreja. Dado o número de eleitores que permanecem aqui, se você votar em si mesmo, você já tem quase vinte por cento dos votos expressos.

Francisco – Há um problema adicional... Acabei de receber uma carta informando que seremos anexados à aldeia mais próxima.

Manolo – A Vilaburros de Abaixo?

Maria – Mas isso fica a mais de vinte quilômetros!

Francisco – Vinte e dois a voar de pássaro e dezanove por estrada.

Manolo – É verdade... A estrada é tão reta através dos campos...

Maria – Isto é um deserto, então, a estrada não tem escolha senão ser reta...

Manolo – Se ao menos tivéssemos uma colina ou uma floresta...

Francisco – Você tem razão. Imagine se precisássemos dar um brasão à aldeia. Não consigo imaginar o que poderíamos colocar.

Manolo – Está claro. Colocaríamos uma batata.

Francisco – Não é hora de zombar. Provavelmente este será meu último mandato.

Manolo – Depois de mais de trinta anos...

Maria – Como vamos chamá-lo se não podemos mais nos referir a você como Senhor Prefeito?

Francisco – A você permito que me chame pelo meu nome: Francisco.

Manolo – Já perdemos o banheiro público e a cabine telefônica, e agora querem nos deixar sem prefeitura.

Francisco – Pois é... Acabou-se...

Maria – Você, que fez tanto por Vilaburros da Igreja!

Manolo – Bem... Também não é bem assim...

Maria – O que você quer dizer?

Manolo – Estou falando das suas pequenas trapaças que acabaram nos afundando... Não é verdade, Dom Francisco?

Francisco – Pequenas trapaças? Não sei do que está falando...

Manolo – Digo que o senhor não fez muito pela comunidade. É por isso que querem nos apagar do mapa.

Maria – Estás sendo injusto, Manolo. A verdade é que há poucas coisas a se fazer em Vilaburros da Igreja.

Manolo – No entanto, você não pode negar, Dom Francisco, que se aproveitou de seu cargo de prefeito.

Francisco – Não sei onde você quer chegar, Manolo...

Manolo – Estou falando sobre as subvenções do Ministério da Cultura.

Francisco – Sim... E daí?

Manolo – Para restaurar uma pousada da qual ninguém jamais ouviu falar e na qual se supõe que Cristóvão Colombo passou uma noite em 1484.

Francisco – Posso mostrar-lhe o livro que fala desse fato inegável.

Manolo – Um livro que o senhor mesmo escreveu, aliás.

Francisco – Então eu nem sequer tenho o direito de escrever um livro de história.

Manolo – Uma pousada que, coincidentemente, é de sua propriedade e que foi completamente restaurada com dinheiro do contribuinte e transformada em uma Casa Rural onde ninguém jamais dormiu, exceto Cristóvão Colombo...

Francisco – Querido Manolo, é lógico que, dada a sua modesta formação, você não esteja ciente dos custos de ser proprietário de um monumento histórico.

Manolo – Cristóvão Colombo! Se ao menos ele tivesse morrido naquela cama!

Maria – Nesse caso, ninguém jamais teria descoberto a América.

Manolo – Isso sem falar na subvenção para restaurar a igreja da aldeia.

Maria – A igreja de Vilaburros da Igreja... Era preciso honrar o patronímico.

Manolo – Uma igreja onde, coincidentemente, o pároco é seu primo. Que restauração maravilhosa foi feita com nossos impostos! Até com uma banheira de hidromassagem no pátio!

Francisco – Uma banheira de hidromassagem... Que exagero! Era apenas um simples tanque...

Manolo – Claro... Agora vai dizer que é uma fossa séptica.

Francisco – Realmente, Manolo, não sei onde você quer chegar...

Manolo – O que sei é que, com esse dinheiro, poderia ter sido feito algo importante para a aldeia.

Francisco – Ah, sim...? Por exemplo...?

Manolo – Por exemplo: instalar câmeras de vigilância.

Francisco – Para vigiar o quê...? A menos que seja os campos de batata...

Manolo – Poderia ter restaurado a escola!

Entra Tiago, o professor. Visivelmente gay.

Maria – Ah, precisamente, aqui está o nosso professor... Bom dia, Tiago, como está?

Tiago – O Bar de Manolo sempre cheio, como de costume.

Manolo – Pois é... Estamos lotados.

Tiago – A nobreza e o proletariado. Só falta o padre para ser cem por cento.

Francisco – A flor e nata de Vilaburros da Igreja.

Manolo – Só falta Cristóvão Colombo.

Tiago – Aliás, Francisco, em breve seu senso de liberdade será testado.

Francisco – Estou aqui para o que precisar.

Tiago – Você sabe que o casamento gay foi aprovado e que será você quem terá que realizar a cerimônia? Não no meu caso, já que, por enquanto, ninguém pediu minha mão... Pelo menos não para colocar um anel no meu dedo...

Francisco – Infelizmente, isso não estará mais dentro das minhas competências. Vilaburros da Igreja será anexado à aldeia mais próxima.

Tiago – Isso não pode ser!

Maria – E isso é apenas o começo!

Francisco – O começo do fim!

Manolo – Temos que reagir!

Tiago – Você está mais do que certo.

Tiago senta-se, visivelmente preocupado.

Maria – Há algo mais acontecendo com você!

Tiago – Eles vão fechar a escola!

Maria – Sério?

Manolo – Era de se esperar... Já faz muito tempo que não temos mais que um único aluno. Quando não houver mais clientes, também teremos que fechar as portas.

Maria – Onde isso vai parar? Posso lhe servir algo, Tiago?

Tiago – Um menta, como sempre.

Maria serve.

Tiago – Vocês viram o Carlos?

Maria – Ele ainda não apareceu aqui esta manhã. Não sei onde pode estar...

Manolo – Bem, Tiago, não será fácil encontrar um cargo de professor em uma escola nacional.

Francisco – Parece que há escassez de professores...

Manolo – Pode ser, mas você está na mira...

Tiago – Não é bem assim...

Manolo – Você não pode negar que foi acusado de imoralidade...

Tiago – Sim, mas... nada a ver com as crianças.

Maria – No entanto...

Tiago – Quem se incomodaria se eu aparecesse ocasionalmente na escola vestido de mulher?

Maria – Para as crianças, isso devia ser chocante. Um dia tinham um professor e no dia seguinte uma professora.

Manolo – Como eles o chamavam?

Tiago – A Sra. Doubtfire.

Manolo – Provavelmente por isso o mandaram para uma escola sem alunos.

Entra Don Pedro, o padre. Exceto pela cruz discretamente colocada atrás de si, ele mais parece um velho verde do que um eclesiástico.

Tiago – Bom dia, Dom Pedro. Você era a única pessoa que faltava para completar a conversa.

Pedro – Bom dia, meus filhos.

Manolo – Meus filhos? Com um padre como você, me pergunto se não deveríamos levar isso ao pé da letra.

Maria – Manolo, pelo amor de Deus...

Manolo – Tiago, este é um mundo de cabeça para baixo. Você deveria ser o padre, já que, nesse ofício, um homem pode usar saias sem que a lei o condene, enquanto a este nunca o vimos com uma batina.

Tiago – Uma pena, Dom Pedro, porque tenho certeza de que você ficaria muito bem com uma.

Maria – O que posso servir, Padre?

Pedro – Um copo de Porto, se faz favor.

Francisco – Espero, Senhor Padre, que pelo menos você tenha boas notícias para compartilhar.

Pedro – Gostaria que fosse assim, Senhor Prefeito, mas...

Manolo – Não estou perguntando se alguém morreu, porque, com exceção de Carlos, estamos todos aqui, os sobreviventes desta aldeia fantasma.

Pedro – É muito pior que isso... O Bispo quer suprimir minha paróquia...

Maria – Sério?

Pedro – Sim. Deus está em moratória... Parece que também precisamos de nos reestruturar.

Maria – Que nojo! Certamente, em breve, os chineses vão se apropriar do Vaticano.

Pedro – A verdade é que ninguém vem à missa em Vilaburros da Igreja.

Manolo – Apesar dos seus esforços para repovoar a paróquia.

Maria – Manolo, por favor... Não tens nenhum respeito pela religião...

Manolo – É que este senhor não multiplica o pão, mas sim os bastardos...

Francisco – Sem prefeito, sem professor, sem igreja... Só nos resta o Bar Manolo.

Manolo – E, quem sabe por quanto tempo.

Tiago – Não estará a pensar em fechar?

Maria – A mim não me importaria vender... se encontrássemos um comprador, claro.

Pedro – Só faltava isso... O que faria você, minha filha, fora deste café?

Maria – Por enquanto, tiraria um bom descanso. Talvez não acredites, mas nunca vi o mar.

Manolo – O mar chegaria aqui antes que encontrássemos um comprador.

Tiago – Sim... A menos que ocorra um milagre...

Manolo – Sejamos sensatos: quem poderia estar interessado num barzinho num lugar como este, onde mal há quatro clientes?

Francisco – Os últimos agricultores consanguíneos e alcoólicos foram embora há muito tempo.

Maria – Poderíamos tentar encontrar maneiras de atrair alguns turistas, pelo menos na época alta.

Tiago – Não faço ideia que turistas poderiam estar interessados num buraco desses, quando não há nada visitável num raio de cem quilômetros.

Francisco – O que não se pode negar é que é um lugar ideal para descansar.

Manolo – Sim, para descansar em paz...

Pedro – Campos de batatas até ao infinito, alguns corvos... Um bom tema para uma pintura de Van Gogh.

Maria – Se ao menos Van Gogh tivesse vindo aqui para se suicidar... Isso sim teria sido um bom chamariz publicitário.

Manolo – Bem, não é má ideia se um dia a assistência ao suicídio for legalizada... Com certeza, Vilaburros da Igreja seria o local ideal para o centro.

Tiago – Todos os deprimidos de Portugal viriam aqui em massa para se suicidar. Isso seria um ótimo chamariz para a nossa encantadora comunidade.

Pedro – Meus filhos... Vamos manter a fé. Tenho certeza de que Deus proverá.

Manolo – Enquanto isso, convido-vos a uma rodada para esquecer que o mundo inteiro, inclusive Deus, nos abandonou no meio de um oceano de batatas... Vamos, Maria, traz uma daquelas garrafas que guardamos para ocasiões especiais.

Maria abre a porta de uma prateleira e solta um grito ao descobrir Carlos no interior.

Maria – Meu Deus, Carlos... Um dia desses, vais me dar um ataque cardíaco!

Francisco – Isso acontece com frequência?

Maria – Desde muito pequeno... Sempre com a mania de se esconder nos lugares mais inusitados.

Manolo – Um dia se escondeu na máquina de lavar... Agora não poderia fazer isso, porque já cresceu.

Maria – Vamos... Sai daí!

Carlos sai do esconderijo. É o típico tolo da aldeia. Supostamente, tem cerca de 18 anos (este papel também pode ser desempenhado por um homem mais velho com aparência forçadamente jovem, o que pode ser mais cômico).

Carlos (para Manolo) – Olá, tio Manolo.

Manolo responde com um gesto.

Tiago – Olá, Carlos.

Francisco – Seu primo não tem concerto...

Pedro – Mas ele não era seu sobrinho?

Maria – É complicado. Nem eu mesma me entendo.

Maria pega a garrafa de vinho e a coloca no balcão.

Tiago – Isso explicaria seu pequeno atraso mental.

Manolo – Como também sou o padrinho dele, digamos que é meu afilhado.

Maria – Nós o chamamos de Carlos e pronto.

Pedro – Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus.

Francisco – Ele é o último jovem da aldeia.

Manolo – Poderia ser um descendente direto de Cristóvão Colombo...

Francisco – O que queres ser quando crescer, Carlos?

Pedro – Se ele também se for, eu nem mesmo terei mais um coroinha...

Carlos – Eu gostaria de ir a Lisboa para participar de um concurso.

Francisco – Que tipo de concurso?

Tiago – Talvez ele queira ser carteiro, como seu pai.

Pedro – Seu pai era carteiro?

Manolo – Ou padre... Nunca se sabe.

Maria – Nada disso... Ele tem na cabeça se inscrever em um desses reality shows.

Tiago – Em qual deles?

Manolo – Um que procura grandes talentos.

Pedro – Não me diga?

Francisco – Mas que tipo de talento esse selvagem pode ter?

Maria – Ele é um contorcionista... Pelo menos é o que ele diz...

Manolo – A verdade é que um dia os lixeiros o encontraram encaixado em um contêiner amarelo. Quase o reciclaram.

Carlos se afasta para jogar dardos. Devido à sua falta de habilidade patente, pode ser perigoso para os outros.

Francisco – Preciso ir. Outro dia brindarei com vocês. Um assunto urgente me chama à Câmara Municipal.

Manolo – Urgente?

Francisco – Preciso responder à carta.

Tiago – Claro... A oferta pública de aquisição contra Vilaburros da Igreja a favor de Vilaburros de Arriba...

Pedro – Eu o acompanho, Sr. Prefeito. Também preciso ir rezar pela minha paróquia.

O prefeito e o padre saem. Maria oferece um Jerez a Tiago.

Maria – Um copinho de Porto?

Ele também recusa.

Tiago – Muito obrigado. Além disso, são apenas meio-dia.

Maria – Bem, vou colocar a garrafa na geladeira esperando uma grande ocasião.

Manolo olha para a entrada do café, visivelmente surpreso.

Manolo – Talvez essa grande ocasião esteja entrando pela porta.

Wendy e Laura entram. Elas estão vestidas como madrilenas sofisticadas, o que contrasta com o traje de Maria. Wendy é uma espécie de estrela depressiva que se esconde atrás de enormes óculos escuros. Laura é mais elegante, mas um pouco sóbria e menos feminina. Ela parece positiva e entusiasmada, enquanto Wendy é pessimista e tem instintos suicidas, olhando ao redor.

Wendy – Parece um cenário de filme de terror.

Laura – Você não quer se sentar pelo menos por cinco minutos?

Wendy não responde, mas se senta em uma cadeira.

Laura – Bom dia, senhores... Desculpem por interromper sua animada conversa, mas gostaria de fazer uma pergunta...

Maria – Sim?

Laura – Onde estamos, exatamente?

Silêncio.

Manolo – Exatamente? Bem, senhorita, vocês estão em Vilaburros da Igreja.

Laura – Vilaburros da Igreja...?

Tiago – Vamos, no meio do nada...

Laura dá uma olhada na tela do seu smartphone.

Laura – Meu GPS não está encontrando isso.

Maria – É um lugar tranquilo...

Laura – Vejo isso... Pensei que estaríamos em... Bem, acho que nos perdemos...

Tiago – Aqui ninguém vem por vontade própria...

Laura olha ao redor e vê Carlos ainda jogando dardos com evidente falta de habilidade.

Manolo – Querem tomar alguma coisa?

Laura – Bem... sim... Por que não? Wendy, você está com sede? (*Wendy não responde*)
Dois refrigerantes, por favor. Sem gelo.

Maria – De qualquer forma, ainda não liguei o freezer... A verdade é que, com este tempo...

Manolo – A primavera não está muito adiantada este ano.

Tiago – No ano passado, chegou mais ou menos em 15 de agosto, e depois passamos direto para o inverno.

Maria serve dois refrigerantes.

Manolo (*fazendo um esforço para ser simpático*) – Estão de férias pela região?

Laura – Bem... digamos que... são mais alguns dias de relaxamento. (*Em separado*)
Minha amiga está muito estressada. Precisávamos de um tempo longe...

Tiago – Nesse caso, estão no lugar certo.

Maria – Vilaburros da Igreja é o lugar ideal para descansar.

Tiago – Um lugar onde não existem tentações.

Laura – Ótimo! Não acha, Wendy?

Wendy – Mmm... O lugar perfeito para terminar nossos dias...

Maria – Sim, aqui temos alguns aposentados...

Wendy – Eu estava me referindo a um lugar perfeito para suicidar-se...

Um anjo passa.

Maria – Têm a intenção de ficar por aqui?

Laura – Ainda não decidimos... mas, por que não? Aqui se respira uma certa serenidade... Algo parecido com o que se sente dentro de uma igreja...

Wendy – Sim, de uma igreja ou de um cemitério.

Laura – Claro que talvez seja por isso que o nome da vila seja esse.

Manolo – Temos uma pequena paróquia completamente renovada. Parece que foi construída recentemente...

Laura – A vida em Lisboa é tão estressante... Às vezes, nos perguntamos se não seríamos mais felizes em uma pequena aldeia longe de tudo...

Wendy – Com certeza, esta está longe de tudo... Nem mesmo aparece no GPS.

Wendy pega algumas pilulas e engole com o refrigerante.

Laura – Você sabe o que o médico disse... Não é bom tomar mais de um comprimido de uma vez.

Wendy – Você está certa... Acho que vou vomitar...

Tiago – Aconteceu a mesma coisa comigo quando cheguei... Depois, você se acostuma... Vai ver...

Maria, preocupada com a situação, aponta para o banheiro.

Maria – Por aqui, por favor...

Wendy sai. Laura parece preocupada.

Laura – Deve ser por causa da mudança de ar...

Manolo – Certamente o índice de poluição é muito baixo.

Laura – Nossos pulmões estão acostumados ao monóxido de carbono. Leva tempo para se adaptar.

Laura espirra.

Tiago – Talvez sejam os pesticidas que eles jogam nos campos de batata... Quando você não está acostumado...

Laura – Pesticidas?

Tiago – Gostaria que vissem o espetáculo. É fantástico. Um dos poucos atrativos daqui. Quando os helicópteros começam a jogar pesticidas, com música ao fundo, você se sente como em "Apocalypse Now"...

Laura – Isso deve ser muito prejudicial para a saúde...

Tiago – Dizem que não, mas... Talvez o problema de Carlos venha daí... Além da consanguinidade, é claro.

Manolo lhe lança um olhar furioso. O som do vômito de Wendy é ouvido. Todos ficam um pouco desconfortáveis.

Manolo – Se não for indelicado, pode me dizer o que faz em Lisboa?

Laura – Sou jornalista.

Manolo – Sério?

Maria – E você planeja fazer uma reportagem na área?

Laura – Estamos de férias, mas... nunca se sabe... Se eu encontrar algo interessante... Minha intenção é mais escrever um romance.

Manolo – Um romance? Isso é ótimo.

Maria – Nosso prefeito também é escritor.

Laura – Não me diga?

Manolo – Bem, ele mais escreve livros de história.

Maria – E sua senhora... Quero dizer... sua amiga... também é jornalista?

Laura – Não exatamente... Ela é produtora em uma emissora de televisão independente. (*Confidencialmente*) WC Produções... É ela.

Maria – WC?

Laura – Não ouviram falar de Wendy Crawford? São suas iniciais...

Manolo – Então, ela trabalha na TV?

Laura – Com certeza já viram o programa dela: "Caça Talentos Portugueses".

Maria – "Caça Talentos"? Está falando sério? Claro que conhecemos!

Laura – Bem, ela é a produtora do programa.

Carlos – "Caça Talentos"?

Todos olham para Carlos, cuja presença passara despercebida até agora. Ele não diz mais nada.

Laura – O programa está há dez anos no ar. A pressão é enorme. Ela teve um burnout.

Maria – Um burnout? O que quer dizer com isso?

Tiago – Há algum tempo isso era conhecido como depressão nervosa.

Laura – A verdade é que a emissora decidiu encerrar o programa. Se a Wendy não quiser ficar sem emprego, terá que propor algo mais atual. O último programa dela não funcionou...

Manolo – Sério?

Laura – Isso sem mencionar o acidente no Mar Báltico... Suponho que tenham ouvido falar disso...

Manolo – Sim... É possível...

Laura – Era um novo conceito de programa... Reunimos em um submarino amarelo um grupo de celebridades dos anos 70 com claustrofobia. A finalidade do show era fazê-los superar seus medos.

Maria – Acho que li algo sobre isso no salão de cabeleireiro.

Laura – O que aconteceu é que o capitão do submarino era um depressivo crônico que não soube como voltar à superfície.

Maria – Deve ter sido terrível... Essas coisas podem acontecer... É a fatalidade.

Tiago (*com ênfase*) – A grandeza do homem livre é aceitar seu destino sem acreditar na fatalidade.

Laura – Você é professor?

Tiago – Sim. Professor... Bem, um professor sem alunos.

Laura – Em resumo, a W.C. afundou, então ela decidiu se afastar para evitar "entupir o encanamento".

Novamente, o som do vômito é ouvido.

Tiago – Espero que ela dê descarga.

Laura – Talvez, ao se afastar de Lisboa, consiga pensar em um novo tipo de programa. Mas, por enquanto, ela desistiu de tudo. Ela precisa começar do zero.

Manolo – Eu a entendo... Nós também gostaríamos de começar do zero.

Tiago – Mas como já estamos no zero há muito tempo, o que gostaríamos mesmo é de sair daqui.

Laura – Agora tenho o projeto de escrever um biografia.

Manolo – Uma biografia?

Laura – Sim. Sobre W.C. Quero contar a vida dela... A vida de uma produtora de televisão é impressionante. É por isso que estamos procurando um lugar tranquilo para descansar por vários meses, longe do agito da capital.

Maria – Bem, este é o lugar ideal. Sem celular, sem internet. Não há cobertura.

Tiago – Às vezes, nos perguntamos se não estamos vivendo dentro de um buraco negro.

Laura – Não seria nada mal comprar uma casinha no campo... É só começar a criar raízes.

Maria – Aqui, as raízes são profundas... Tão profundas que depois você não consegue mais ir embora.

Carlos – Quer ver como eu me escondo na geladeira?

Maria (*repreendendo*) – Carlos, por favor...

Silêncio.

Laura – Certamente este é um lugar especial... Eu nunca vi nada assim...

Manolo – Autêntico.

Laura – Não é a palavra que estou procurando, mas...

Manolo – Por que vocês não ficam alguns dias na aldeia... ou talvez mais tempo...?

Laura – Vocês também alugam quartos?

Manolo – Poderíamos organizar...

Manolo e Maria se olham com surpresa. Wendy volta.

Laura – Sabe uma coisa, Wendy? Esse senhor está propondo alugar um quarto para nós aqui, no Bar Manolo. O que você acha?

Wendy – Estou com vontade de vomitar de novo.

Maria – Nunca se sabe, talvez até se interessem em comprar o café.

Laura – O café está à venda? Ouviu isso, Wendy? Isso seria engraçado.

Wendy – Pelo menos os clientes não nos incomodariam.

Manolo – Agora não tem muito movimento, mas os turistas chegarão em breve...

Maria – Logo estaremos na alta temporada...

Laura (*surpresa*) – Em março? Por algum motivo especial...?

Manolo (*sem saber o que dizer*) – Quer dizer que... na primavera...

Tiago – Os campos de batata estarão em flor. É muito romântico. Vocês verão.

Laura – As batatas... É curioso... Você ouviu isso, Wendy?

Wendy – Eu não sabia que as batatas florescessem. Mas, se quiser, posso lhe dar um buquê de aniversário.

Tiago – Até mesmo um perfume... Por que não? Aroma de Batata da Givenchy. Pelo menos seria original.

Laura – Sempre se fala dos tulipas da Holanda, mas as batatas...

Tiago – As batatas de Vilaburros da Igreja.

Laura – Quanto tempo dura a temporada?

Maria – Depende da variedade.

Manolo – Na verdade, florescem o ano todo.

Tiago – Especialmente as batatas transgênicas, especialidade da aldeia.

Maria – Elas são produzidas o ano todo.

Carlos se aproxima.

Carlos – Também posso me esconder no cesto de lixo... Querem ver?

Maria – Vamos, Carlos... Estás incomodando essas senhoras... Por que não praticas em outro lugar? Acabei de tirar o lixo.

Manolo faz Carlos sair.

Maria – Peço desculpas por ele... Ele é um pouco simplório.

Manolo – Garanto que vocês ficariam bem aqui.

Laura – Wendy tem razão. Isso parece um pouco parado.

Tiago – A verdade é que, desde que fizeram a autoestrada...

Maria – Também é a hora da sesta.

Wendy – Mas são apenas uma da tarde... Vocês tiram a sesta tão cedo por aqui?

Maria – Uma hora atrás, estávamos lotados.

Manolo – Vocês também podem trazer seus amigos de Lisboa. Há um lugar ótimo no primeiro andar.

Laura – Seria engraçado.

Wendy – Vocês têm algo forte para beber?

Maria – Você quer experimentar uma especialidade local?

Manolo – Nossa especialidade é a aguardente de batata.

Tiago – Garanto que a primeira vez é uma experiência única.

Manolo – Como o amor.

Tiago – E, como o amor, te deixa cego.

Wendy – Acho que vou me deixar tentar.

Manolo serve a bebida.

Laura – Não deveria misturá-la com os comprimidos.

Wendy – Você tem que morrer de alguma coisa...

Manolo – A primeira rodada é por conta da casa.

Wendy – O gosto da batata é predominante.

Tiago – Cai bem, desde que não te mate imediatamente.

Manolo – Um produto natural.

Tiago – Cem por cento orgânico... Bioquímico, possivelmente.

Maria os serve novamente.

Maria – A segunda rodada é cortesia do Escritório de Turismo de Vilaburros da Igreja.

Manolo – Com isso, tenho certeza de que não precisa de mais pílulas.

Wendy – Deve ser muito eficaz para o suicídio.

Manolo – E totalmente legal.

Tiago – O próprio prefeito destila o elixir em sua caverna com um alambique clandestino.

Maria – Este divino licor é abençoado pelo nosso padre uma vez por ano. Um homem santo, sem dúvida.

Carlos volta, meio atordoado e coberto de detritos.

Carlos – Tio, não consegui me enfiar no lixo. Está cheio.

Manolo – Esse garoto está cada vez mais bobo...

Wendy – Talvez ele também queira um gole do elixir.

Maria – Nem pensar. Ele já está bastante fora de si, o pobre.

Manolo – Vamos, vai brincar por aí. Não vês que estamos conversando, os adultos?

Carlos (frustrado) – Eu não dou a mínima. Qualquer dia desses vou para Lisboa.

Carlos sai.

Maria – Esta região é maravilhosa.

Manolo (olhando fixamente para Laura) – Uma região que não revela todos os seus encantos de primeira, como acontece com as mulheres bonitas.

Maria – Além disso, o contato direto com os clientes é muito interessante.

Manolo (para Maria) – Muito mais saudável para uma pessoa deprimida do que ficar remoendo seus problemas em um canto.

Laura – Poderia ser divertido, não acha? Você queria mudar de vida, não é? Pois agora tem a oportunidade.

Wendy – Eu estava pensando em uma vida diferente, mas melhor.

Um certo tédio começa a se instalar.

Maria – Venham comigo. Vou mostrar o andar de cima. É muito charmoso.

Tiago – É muito prático. Não é preciso transporte algum para ir ao trabalho. Basta descer as escadas.

Maria conduz Wendy e Laura até a escada que leva ao primeiro andar.

Maria – Vocês primeiro. É claro!

Manolo – Tenham cuidado. A escada está um pouco desgastada.

Elas saem.

Manolo – Elas caíram do céu.

Tiago – Parece um milagre.

Manolo – Além disso, tenho certeza de que elas podem apreciar a magia deste lugar.

Tiago – Talvez seja o efeito da aguardente de batata. Também me causou alucinações em certo momento.

Manolo – Temos que fazer o possível para que elas passem a noite aqui.

Tiago – Faça o que puder... Enquanto isso, vou me trocar.

Manolo – Será melhor. Temos que causar uma boa impressão.

Tiago sai. Francisco e Don Pedro voltam.

Francisco – Quem são essas duas encantadoras criaturas que vi entrando no café?

Pedro – Aliás, onde elas estão?

Manolo – Elas vêm de Lisboa. Maria está mostrando a elas o andar de cima.

Francisco – De Lisboa?

Pedro – E por que estão visitando o andar de cima?

Manolo – Se conseguirmos que elas se instalem aqui, Vilaburros da Igreja se tornará um lugar tão chique quanto Cascais.

Francisco – Tem certeza?

Manolo – Enquanto isso, tento vender o café para elas.

Pedro – Você está contando histórias.

Francisco – Você tem certeza de que essas senhoritas gostariam de morar aqui?

Manolo – A que trabalha em programas de reality está um pouco desgastada... Quero dizer... completamente deprimida. A outra, mais ou menos, mas ao contrário.

Pedro – O que você quer dizer com "ao contrário"?

Manolo – Quero dizer que ela está tão fora de si quanto a outra, mas tudo parece maravilhoso para ela. Até Vilaburros da Igreja! Não é ótimo?

Pedro – O que eu não entendo é como elas conseguiram chegar até aqui.

Manolo – Deus as trouxe até nós. Tenho certeza. Posso dizer que quase recuperei minha fé. Elas estão procurando um lugar tranquilo para recuperar a saúde mental e escrever suas memórias.

Francisco – Tranquilo? Bem... sim... É impossível encontrar outro lugar igual... Mas você realmente acha que...?

Um indivíduo disfarçado com uma fantasia de zorro e máscara entra no café. Mais tarde será revelado que é Carlos.

Carlos – Mãos ao alto! Isso é um assalto!

Manolo – Incrível! O que nos faltava!

Francisco – Um assalto neste momento...!

Pedro – Decididamente, hoje estão acontecendo coisas muito estranhas na aldeia.

Francisco – E você lhes assegurou que era um lugar tranquilo...

Manolo – O que diabos esse tipo quer? Ele vai arruinar meu negócio!

Carlos – Vamos lá... A grana... E rápido...

Manolo – Claro, garoto. Não fique nervoso.

Manolo vasculha atrás do balcão e pega um rifle para enfrentar a pistola.

Pedro – Começa a batalha!

Carlos – Não exagere, minha pistola é de brinquedo!

Manolo – Eu sei, idiota! Fui eu quem te deu isso de presente quando fizeste a Primeira Comunhão.

Ele tira a máscara de zorro e todos veem que é Carlos. Manolo guarda o rifle.

Francisco – És um cretino!

Manolo – As garotas não demorarão a descer. O que fazemos com ele?

Carlos – Só queria um pouco de grana para me inscrever no concurso em Lisboa.

Pedro – Que concurso estás falando?

Carlos – "Caça talentos".

Pedro – Talvez devêssemos chamar a polícia, não acham?

Francisco – Melhor ainda, o hospital psiquiátrico.

Manolo – Não temos tempo. Além disso, não é bom assustar as garotas com a chegada da polícia.

Manolo aponta para o freezer.

Manolo – Entre lá.

Carlos – Lá dentro?

Manolo – Não és contorcionista? Então prova !

Carlos – Ok, eu tento...

Pedro – Pelo menos ele é um garoto bastante obediente.

Francisco – Agora eu entendo por que os pais dele conseguiram colocá-lo em uma lixeira amarela.

Carlos entra no freezer.

Manolo – Não se preocupem. Está desligado. Só usamos no verão para guardar picolés.

Maria desce junto com Laura e Wendy. Manolo fecha apressadamente a tampa do freezer.

Manolo – Senhoras, apresento-lhes o Senhor Prefeito, que deseja dar-lhes as boas-vindas pessoalmente à nossa encantadora cidade.

Laura – Muito prazer, Senhor Prefeito...

Francisco – Pode me chamar de Francisco, por favor.

Laura – Tudo bem...

Manolo – Também quero apresentar o Senhor Padre, que...

Pedro – Bendita seja, senhora.

Manolo – Que... estava passando por aqui... Bem, o que acharam deste ninho de amor?

Laura – Bem... sim...

Wendy (*dirigindo-se a Maria*) – Como você disse antes...

Maria – Aconchegante, eu disse aconchegante.

Laura – Exatamente... Aconchegante... Você não acha, Wendy?

Wendy – Sim. Aconchegante...

Momento de incerteza.

Manolo – Evidentemente, isso não tem nada a ver com Lisboa.

Laura – Além disso, se você está procurando um novo conceito de Reality Show... Tenho certeza de que uma estadia prolongada neste lugar fará você entender o que é o Portugal profundo.

Wendy – Não duvido... Tenho certeza de que para encontrar algo mais profundo teríamos que cavar um poço...

Maria – Estão previstas algumas obras de renovação.

Laura – Estamos pensando nisso, não é, Wendy?

Wendy – Isso mesmo... Enquanto isso, preciso encontrar um lugar para dormir... Estou morrendo de sono...

Laura – Onde fica o hotel? Porque aqui... A verdade é que...

Wendy – Como Maria disse, precisa de alguns retoques. Por exemplo, um banheiro.

Francisco – Por enquanto, não temos hotel... mas seria um grande prazer para mim...

Pedro – Por uma ou duas noites, posso oferecer-lhes hospitalidade no presbitério.

Laura – No presbitério? E o que é isso?

Pedro – Sou o modesto pastor deste rebanho de pobres pecadores.

Laura – Um pastor?

Wendy – Ele está tentando dizer que é clérigo.

Laura – Ah, claro... O padre! Ele poderia ter dito antes! Como ele não está vestido de...

Pedro – Você sabe que o hábito não faz o monge.

Laura – De qualquer forma, é muito gentil da sua parte... Quero dizer, nos deixar dormir lá... Não é maravilhoso?

Wendy – Sim. Será ótimo passar a noite em um presbitério, algo que uma mulher deve fazer pelo menos uma vez na vida.

Pedro – É apenas caridade cristã.

Laura – Além disso, não temos nada a temer com um padre.

Manolo – Se você diz...

Francisco – Bem, está tudo resolvido. Tenho certeza de que o lugar não irá decepcioná-las.

Pedro – Querem me seguir?

Laura e Wendy seguem Pedro. Ao sair, cruzam com Tiago, que retorna vestido de mulher. Laura não o reconhece. Wendy o olha com desconfiança.

Laura – Senhora...

Tiago (para Wendy) – Parece que esses ares lhe caem muito bem.

Wendy (para Laura) – Tem certeza de que não estão nos levando para o hotel do filme Psicose...?

Eles saem.

Manolo – Uma produtora de televisão e uma jornalista! Que sorte!

Francisco – Você realmente acha que essas meninas ricas vão comprar este café em uma aldeia como Vilaburros da Igreja?

Maria – Não seria a primeira vez que uma emissora de televisão compra um local extravagante.

Francisco – Sem mencionar aqueles que se instalam no campo para recuperar suas raízes rurais.

Maria – Brad Pitt tem sua própria vinícola na Califórnia.

Tiago – Só falta alguma celebridade cultivar batatas transgênicas.

Maria – Seria uma notícia bombástica.

Manolo – Vocês têm razão. Por que eles comprariam esse lugarzinho de merda? No entanto, eles trabalham na imprensa e na televisão. Eles poderiam falar sobre nossa cidade e torná-la famosa.

Francisco – Não vejo o que poderia interessá-las aqui...

Maria – Teremos que encontrar algo. Outras cidades não têm nenhum charme e, no entanto, são conhecidas.

Francisco – Não me diga?

Manolo – Por exemplo, Belém.

Maria – Belém é o berço de Jesus Cristo.

Tiago – Mas em Vilaburros da Igreja só temos o Carlos.

Manolo – Agora precisamos encontrar a fórmula para que falem de nós e atraiam visitantes.

Maria – Pelo menos voltaríamos a figurar nos mapas.

Tiago – E não precisaríamos ser anexados a Vilaburros de Arriba.

Francisco – Continuaríamos com nosso prefeito, nosso professor, nosso padre...

Maria – E recuperaríamos nossos clientes.

Manolo – Precisamos pensar rapidamente.

Tiago – É uma questão de convencê-las de que Vilaburros da Igreja é mais divertido do que visitar o cemitério no Dia de Todos os Santos.

Francisco – Precisamos criar um ambiente.

Eles pensam.

Manolo – Que tal um happy hour?

Tiago – Mas não há um único cliente a 20 quilômetros daqui! Quem vai fazer uma viagem de 40 quilômetros de ida e volta para tomar uma dose de aguardente de batata?

Maria – Bem... continuem pensando enquanto eu vou fazer algumas compras... Se vamos ter clientes... E as lojas não estão exatamente ao virar da esquina.

Maria sai. Don Pedro retorna.

Francisco – O que aconteceu?

Pedro – Eu os deixei na jacuzzi...

Manolo – Uma jacuzzi? Não era uma piscina de irrigação?

Pedro – Parece que eles gostaram...

Francisco – Isso está longe de garantir que eles queiram ficar por aqui.

Manolo – Contamos com a possível divulgação na mídia. Agora só precisamos encontrar algo que faça as pessoas falarem de nós.

Pedro – Poderíamos organizar um sorteio.

Manolo – E por que não uma procissão?

Tiago – E se algo extraordinário acontecesse?

Francisco – Sim, algo para atrair a atenção da mídia.

Tiago – O porto onde o Costa Concordia afundou está cheio desde o naufrágio. Quase um local de peregrinação.

Manolo – Claro que é improvável que um transatlântico colida com nossa cidade.

Tiago – Também é difícil que um avião caia aqui. Vilaburros da Igreja nunca foi sobrevoada por aeronaves.

Pedro – Exceto por aviões que lançam pesticidas sobre os campos de batata.

Tiago – Também é difícil que um piloto tão deprimido a ponto de se espatifar aqui.

Francisco – Precisamos manter os pés no chão... Deve ser algo menos grandioso, mas incomum.

Pedro – Um acidente...

Manolo – Até um crime horrendo.

Pedro – Mas não precisamos matar ninguém e cortá-lo em pedaços para atrair turistas.

Francisco – Acabamos de escapar de um assalto. Isso pode sugerir algo.

Tiago – Um lunático armado com uma pistola de plástico e vestido de Zorro... Não acho que seja o suficiente para atrair a atenção da imprensa nacional.

Eles ouvem batidas.

Manolo – Caramba! Esquecemos de tirar o Carlos do congelador!

Manolo abre a porta do congelador e o ajuda a sair.

Carlos – Como será que eu me saí?

Manolo – Bem, muito bem...

Tiago – Ainda bem que o congelador estava desligado.

Francisco – Pois é...

Manolo – Acabei de ter uma ideia!

Pedro – Estou com medo...

Manolo – Vocês estão pensando no mesmo que eu?

Tiago – Isso mesmo! Um cadáver encontrado dentro de um congelador...

Francisco – Sim! Um congelador! Além disso, isso não custaria muito...

Pedro – Vocês têm certeza de que um cadáver encontrado no congelador de um bar de uma aldeia atrairá turistas?

Tiago – É só inventar uma história interessante.

Manolo – Estou vendo as manchetes nos jornais!

Francisco – Trágico acidente em Vilaburros da Igreja: um fã do programa "Caça Talentos" morre congelado enquanto treinava.

Manolo – Com certeza isso também atrairia a televisão.

Todos olham para Carlos.

Carlos – O que há comigo?

Pedro – Vocês não estão pensando em sacrificar esse pobre coitado só para atrair gente para a nossa aldeia, estão?

Manolo – Não precisaríamos matá-lo de verdade... Quero dizer, não completamente...

Pedro – E como você mata alguém "não completamente"?

Manolo – Carlos, queres ser famoso?

Carlos – Famoso? Quer dizer, na televisão e tudo mais?

Manolo – Claro... Até nos jornais...

Carlos – E o que eu tenho que fazer?

Francisco – Pouca coisa...

Tiago – Apenas morrer.

Carlos – Nem pensar! Eu quero ser famoso estando vivo.

Manolo – Preferes isso ou que chamemos a polícia e contemos a eles que tentaste nos assaltar com uma arma de brinquedo? Podes pegar muitos anos de prisão.

Carlos – Quantos?

Manolo – Não tenho ideia, mas isso não é o que importa agora.

Francisco – Além disso, não estarás realmente morto.

Manolo – Não ajustaremos o congelador para o máximo.

Carlos parece hesitar.

Carlos – E você vai me dar dinheiro para eu viajar até Lisboa?

Manolo – Prometido. Confias em mim ou não, meu afilhado?

Carlos – Está bem... Mas eu não entendo completamente. Quanto tempo eu vou ficar "morto"?

Francisco – Estarás morto no começo.

Manolo – Mas não por muito tempo.

Carlos – Como Jesus, padre?

Pedro – Exatamente... Como Jesus...

Tiago – Tudo vai dar certo. Não se preocupe.

Francisco – E no final, vais ressuscitar, como Jesus.

Tiago – Vamos gravar e postar no YouTube. Será incrível!

Pedro – Ficarás famoso. A notícia vai se espalhar.

Manolo – Carlos, chegou a hora de mostrar seu verdadeiro talento!

Carlos – Ok... Está bem...

Carlos volta ao congelador. Tiago começa a gravar com seu celular. Manolo liga o congelador.

Pedro – Você vai mesmo ligar isso?

Manolo – Não se preocupe. Vou deixar no mínimo. Ele só sentirá um leve resfriado. Isso tornará a história mais crível.

Francisco – Se ele não estiver completamente congelado, não servirá para nada.

Manolo – Eu vou ajustar para dois.

Pedro – E se o matarmos? Já pensaram nisso? Você será acusado de assassinato, Manolo. Afinal, é o seu congelador.

Francisco – Eu duvido que ele morra. No máximo, ele vai pegar um resfriado.

Tiago – No máximo, ele terá um ou dois dedos congelados. Igual aos alpinistas que conquistam o Himalaia. Quando se quer ser um herói, é preciso fazer alguns sacrifícios.

Pedro – No final, é só ficar trancado num congelador...

Tiago – Entre nós... para que ele precisa dos dedos! Afinal, se tiverem que cortar dois ou três, ainda vai sobrar bastante para ele assoar o nariz.

Manolo – Temos tempo apenas para espalhar a notícia e fazer com que os meios de comunicação falem da nossa aldeia.

Tiago – Mas a polícia vai perceber que ele não está morto.

Manolo – Isso é verdade... Pode ser o ponto fraco do nosso plano.

Francisco – A polícia? Já sabe como eles são... Você os convida para umas bebidas e eles são capazes de dizer que sua esposa é Miss Portugal.

Manolo lança um olhar ameaçador para ele.

Manolo – Não sei como devo levar isso...

Tiago – Quer dizer que, sóbrios, ela poderia ser Miss Mundo.

Manolo – É melhor colocar mais alguns cubos de gelo em cima dele.

Carlos tira a cabeça do congelador.

Carlos – Meu cabelo está bom?

Manolo – Muito bom. Não te preocupes.

Carlos – A minha camiseta está bem?

Charlie continua filmando.

Manolo – Vamos lá, entra de novo. A Maria está prestes a chegar...

Carlos – Na verdade, não está muito quente lá dentro.

Manolo – Normal... É um congelador.

Carlos – E está muito escuro...

Pedro – Sempre me perguntei se a luz realmente se apaga quando você fecha a porta do refrigerador.

Tiago – Seria melhor você se perguntar se há vida após a morte...

Francisco – De qualquer forma, agora teríamos uma testemunha ocular... Se conseguirmos descongelá-lo.

Manolo – Em último caso, a jornalista poderia escrever um artigo sobre o assunto...

Tiago – Já estou ouvindo o apresentador do telejornal dizendo: "Certamente vocês já se perguntaram muitas vezes se a luz do congelador se apaga quando você o fecha, bem, um corajoso morador de Vilaburros da Igreja concordou em se submeter a uma experiência curiosa para dar uma resposta definitiva a essa angustiante dúvida..."

Carlos – O apresentador do telejornal? Ok, vou entrar de novo.

Pedro – Por quanto tempo vão deixá-lo lá?

Francisco – Uma noite será suficiente.

Manolo – A Maria não deve saber de nada disso. Ela vai descobrir amanhã. Será muito mais convincente. Ela é uma atriz muito ruim...

Francisco – Não se preocupe, Dom Pedro. Ele pode sair quando quiser, como pode ver.

Manolo – Então vamos em frente antes que a Maria volte. Eu também não acho que nenhum de vocês seja bom ator.

Todos saem. Maria volta com as compras. Ela as coloca em seus lugares.

Maria – Vou colocar os sorvetes no congelador antes que eles derretam... (*Ela os coloca no congelador sem ver Carlos*) Vou ligá-lo... Manolo já fez isso antes de mim... Mas está bem baixo... Vou colocá-lo no 10... (*Ela fecha a porta do congelador e coloca um saco de batatas por cima*) Amanhã vou fritar as batatas. Agora estou morta... (*Ela se dirige à saída, mas dá uma olhada no congelador*) Sempre me perguntei se a luz do congelador se apaga quando você fecha a porta...

Ela apaga a luz e sai. Ouve-se batidas no congelador.

Apagão.

Elipse para a noite. Possível intervalo.

ATO 2

Luz. Maria entra bocejando e acende as luzes do bar, como faz todas as manhãs. Ela pega o saco de batatas que está em cima do congelador e começa a descascá-las.

Maria – Sempre essas malditas batatas...

Manolo entra.

Manolo – Bom dia, querida. Como dormiste?

Maria olha para ele incrédula.

Maria – Estás doente?

Manolo – Não... Só quero saber se estás bem. Mas o que estás fazendo?

Maria – Descascando batatas... Ou não vês mais nada?

Manolo – Sim... Claro...

Maria – Vou descascá-las, cortá-las e colocá-las no congelador. Vão durar até o verão.

Manolo – Queres que eu te ajude? (*Maria olha para ele desconfiada*) Assim podes cuidar do café da manhã para as madrilenas...

Manolo começa a descascar. Maria o olha perplexa.

Maria – Tem certeza de que estás bem?

Manolo – Claro. Por que estás perguntando?

Maria – Porque é a primeira vez que te vejo descascando batatas.

Manolo (*olhando para a porta*) – Falando no diabo...

Laura e Wendy entram.

Manolo – Bom dia, senhoritas. Dormiram bem?

Laura – Eu, pelo menos, como uma pedra.

Wendy não responde, mas não parece muito feliz.

Manolo – Eu disse a elas. Vão acabar enraizando aqui.

Wendy – Um chá com limão, por favor.

Laura – Para mim também.

Maria – Já vou...

Maria começa a preparar o chá.

Laura – Vocês têm croissants?

Maria – Não, não temos... Mas se quiser, posso fritar algumas batatas para vocês. São acabadas de colher.

Wendy – Não, obrigada...

Maria – Dois chás com limão... mas sem limão... porque não temos.

Laura – Desde que a água esteja quente...

Manolo – Não se preocupe... De qualquer forma, aqui sempre fervemos a água, só por precaução...

Maria – Enquanto a água ferve, vou verificar se o congelador está funcionando bem para congelar as batatas.

Manolo sorri com indiferença.

Manolo – Sintam-se à vontade, por favor. Vamos servi-las em breve.

As duas mulheres se sentam.

Wendy – Você está certa. Não devemos ficar aqui por muito tempo... É um lugar muito autêntico, mas... Eles não parecem gente muito normal...

Laura – Quando o padre se juntou a nós na banheira de hidromassagem ontem, ele parecia um pouco especial...

Wendy – Se ao menos ele tivesse colocado um tapa-sexo...

Manolo continua a descascar batatas.

Manolo – Parece que o dia vai ser interessante.

As mulheres continuam conversando.

Wendy – E olhe para aquele lá, cortando batatas transgênicas com aquela faca grande... Tenho a sensação de que ele já cortou o pescoço de mais de um viajante de passagem.

Laura (*rindo nervosamente*) – Não continue, você vai me assustar.

Wendy – Gostaria de saber o que fazem com os corpos...

Laura – Talvez os levem para o porão...

Wendy – Ou os coloquem no congelador.

Elas reprimem uma risada nervosa.

Laura – O que você acha de tomarmos o chá e partirmos?

Laura se assusta ao ouvir o grito de Maria ao abrir o congelador.

Maria – Meu Deus! Que horror!

Manolo (*fingindo surpresa*) – O que está acontecendo?

Maria – Há um homem no congelador!

Manolo – Não pode ser!

Laura lança um olhar aterrorizado para Wendy.

Manolo (*fingindo surpresa de forma ruim*) – Um homem? Mas de quem se trata?

Maria – Não sei... Não quis olhar... Só vi dois olhos me olhando fixamente através do gelo!

Tiago entra.

Tiago – Algum problema?

Manolo – Maria acabou de encontrar um cadáver no congelador!

Tiago – Um cadáver...? É alguém conhecido?

Manolo – Ainda não sabemos.

Tiago grava com seu telefone.

Laura – Todos aqui estão loucos! Vamos embora agora mesmo!

Wendy – Espere um pouco! Isso está ficando interessante!

Maria – Precisamos chamar a polícia!

Manolo – Que história!

Wendy – E o que acontece com o meu chá?

Manolo – Já mesmo...

Maria pega o telefone.

Maria – Comissário... Você precisa vir imediatamente. Há um cadáver no congelador... Não, não é um bebê, eu não o incomodaria por algo tão pequeno?

Manolo serve o chá.

Manolo – Com leite ou sem leite?

Maria – Sim... Em Vilaburros da Igreja... Onde fica? Bem, mais ou menos, no quilômetro 22 entre Vilaburros de Arriba e Vilaburros de Abaixo... Tudo bem... Estamos esperando.

Manolo – O que eles disseram?

Maria – Que vão enviar dois especialistas da polícia científica imediatamente...

Wendy – A polícia científica em Vilaburros da Igreja?

Laura – De qualquer forma, tenho certeza de que esta aldeia de merda vai ficar famosa, pelo menos na televisão local.

Wendy – Como Andy Warhol dizia: todo mundo tem direito aos seus quinze minutos de fama.

Francisco e Don Pedro entram.

Francisco – Bom dia... Está tudo bem?

Tiago – Acabaram de encontrar um cadáver no congelador.

Pedro – Um cadáver? Você quer dizer um cadáver humano?

Tiago – Sim, humano... Não é um cadáver de vaca transformado em bifés.

Maria abre novamente o congelador.

Maria – Vejam... Há uma nota na porta... Por dentro...

Pedro – Uma nota?

Manolo – Não é possível!

Maria – Bem, na verdade parece algo gravado no gelo... Talvez algumas palavras de despedida.

Francisco – Então é um suicídio?

Tiago – Pelo que eu saiba, seria a primeira vez que alguém se suicida trancando-se em um congelador.

Francisco – Acho que houve um caso de suicídio em uma sauna, mas em um congelador?

Tiago se aproxima do congelador.

Tiago – Talvez seja para a polícia... Com o nome do assassino...

Francisco – Pode ser...

Manolo (*para Maria*) – Vamos... O que você está esperando para ler?

Maria – Está confuso... Principalmente o começo...

Pedro – Certamente, o professor vai entender melhor... Ele está acostumado com todo tipo de letras.

Tiago dá uma olhada no congelador.

Tiago – Na verdade, é uma letra conhecida.

Manolo – Então?

Tiago – Espere um momento... Sim, é isso... Manolo me matou... É o que diz. (*Todos olham surpresos para Manolo*) Desculpe... Estava brincando.

Maria – Vamos, Tiago! Não é hora para piadas!

Todos se olham consternados.

ATO 3

O barulho de um helicóptero.

Pedro – O que é isso?

Entram Carvalho e Da Costa, os policiais que mais parecem bandidos do que membros do corpo de elite. Carvalho, o comissário, lembra vagamente Columbo.

Manolo – A Polícia Científica chegou!

Maria – Eles realmente se apressaram!

Tiago – São forças especiais. Provavelmente foram lançados de paraquedas.

Carvalho – Comissário Carvalho e Inspetor Da Costa. Viemos de helicóptero para chegar mais rápido, mas foi uma luta para encontrar este lugar escondido.

Manolo – A referência que seguimos foi uma estrada que termina no meio de um campo de batatas.

Francisco – Sim, claro... É a antiga estrada nacional. Há alguns anos atrás, degradaram-na para uma estrada local quando construíram a autoestrada.

Manolo – E isso prejudicou muito o comércio em Vilaburros da Igreja.

Carvalho – Comércio? Que comércio?

Da Costa – Pensávamos que ninguém vivia aqui.

Pedro – No século passado, havia uma mercearia... Pelo menos, é o que dizem.

Francisco – Agora vamos a um Carrefour uma vez por mês e guardamos a comida no congelador.

Carvalho – Falando em congeladores... Onde está o congelador do relatório?

Da Costa – Where is the body? Como nossos colegas americanos dizem...

Manolo – É por aqui... Mas seria melhor se vocês tomassem algo antes...

Maria – Porque eu aviso que não é uma situação agradável...

Carvalho – Bem... Muito bem...

Francisco – O corpo está no congelador... Não vai escapar...

Carvalho – Nesse caso... Vamos tomar algo antes de enfrentar isso. Só para animar um pouco. Concorda, Da Costa?

Manolo – Querem um gole, senhoras? Como não temos limão, vai combinar bem com o chá.

Wendy – Por que não?

Laura – Já que estamos perdidos...

Manolo coloca uma dose em cada uma das xícaras e sai. Laura olha para a xícara.

Laura – Você percebeu? O chá ficou transparente como água.

Wendy – É verdade.

Laura – Pode ser tóxico.

Wendy – Ou talvez eles tenham esquecido de adicionar o chá à água quente.

Elas trocam olhares preocupados.

Carvalho – Não está ruim...

Da Costa – Bem, eu estou começando a ver tudo embaçado... É normal?

Tiago – Não se preocupe... Geralmente, é passageiro...

Pedro – Alguns casos de demência permanente ocorreram, mas muito raramente.

Da Costa – Então, é mais como uma droga pesada.

Carvalho – Contanto que seja legal...

Da Costa – Além disso, é bom para os brônquios.

Carvalho – Não será inflamável?

Tiago – Conheço um engolidor de fogo que o usava em vez de gasolina premium porque era mais barato.

Francisco – Eu mesmo coloco um pouco no meu SUV e não vi que causasse danos.

Carvalho – Nunca tomei um gole de Diesel, mas acho que deve ter um gosto parecido.

Pedro – Se tomássemos um gole de desentupidor depois de beber essa poção, provavelmente teríamos a sensação de tomar água benta.

Eles esvaziam os copos.

Carvalho – Bem... Onde está o cadáver?

Manolo – Por aqui, senhor Comissário...

Carvalho – Vá em frente, Da Costa. Você sabe que não aguento ver um cadáver (*Para os outros*) Se um dia deixar este trabalho, será por essa razão.

Manolo abre a porta do congelador. O maestro está filmando.

Da Costa – Bem... Está duro como uma pedra. Venha dar uma olhada, chefe.

Carvalho – Não, Da Costa... Eu confio no que você me disser.

Manolo, Francisco e Don Pedro se aproximam para ver.

Pedro – Em nome de Deus! Está completamente congelado...

Carvalho – Parece que você está surpreso, e no entanto, deve estar acostumado a ver cadáveres.

Manolo – Não entendo. Eu o coloquei no mínimo...

Manolo, Francisco e Pedro estão realmente chocados.

Maria – Fui eu quem colocou no 10 ontem à noite, para congelar as batatas.

Da Costa – Chefe, talvez seja um negócio de bebês congelados.

Carvalho – Um bebê?

Da Costa – Não, parece mais um homem de uns vinte anos...

Carvalho – Então?

Da Costa – Talvez ele tenha sobrevivido comendo o que estava no congelador e quando não havia mais nada, morreu de fome.

Carvalho – Uma pista interessante, Da Costa... Mas o que havia nesse congelador?

Maria – Nada. Ficou desligado o inverno inteiro...

Carvalho – Entendi...

Da Costa – Chefe... Eu acho que ele também tentou escrever algo na tampa.

Carvalho – Sério...? Isso eu preciso ver...

Carvalho se aproxima.

Carvalho – Nossa... Isso parece a caverna de Altamira... O que está escrito ali?

Da Costa – Para mim, parecem hieróglifos...

Carvalho – Tire uma foto. Vamos enviá-la a um egiptólogo para analisar essa confusão.

Da Costa – Mas com que objetivo?

Carvalho – Para identificar melhor a personalidade da vítima.

Da Costa – Normalmente investigamos a personalidade do assassino.

Carvalho – Não me venha com rodeios, Da Costa. Está querendo me ensinar o meu trabalho?

Da Costa – De forma alguma, chefe. Vou tirar as fotos imediatamente.

Carvalho – Vamos pedir ao laboratório para determinar a hora da morte com o carbono 14. Quando soubermos, poderemos fazer suposições sobre as circunstâncias da morte.

Manolo – Está nos suspeitando, senhor Comissário?

Carvalho – O corpo está no seu estabelecimento.

Maria – Mas nós chamamos a polícia.

Carvalho – Você não pode imaginar quantos assassinos chamam a polícia depois de cometerem o crime...

Francisco – Pelo que está dizendo, senhor comissário, quanto tempo acha que ele está morto?

Carvalho – O problema com os congelados é que é difícil determinar. Esse tipo pode estar aqui desde ontem ou há seis mil anos.

Da Costa – Espero que você tenha uma boa coartada entre o Jurássico e o Cretáceo.

Maria – Como eu disse antes, ligamos o congelador ontem à noite...

Da Costa – Então, o que sugere, patrão?

Carvalho – O que está acontecendo com você, Da Costa?

Da Costa – Não entendo...

Carvalho – Até agora sempre me chamou de chefe. Por que agora me chama de patrão? Não gosto de você se tornar tão familiar.

Da Costa – Desculpe, chefe. Você está certo... Além disso, ele não foi baleado.

Carvalho – Isso não é um romance de detetive. Nós representamos a elite da polícia: a polícia científica.

Da Costa fica atordoado.

Da Costa – Sim, chefe... O que fazemos então, patrão?

Carvalho – Dê uma olhada neste antro... (*Em particular*) E não hesite em causar um grande alvoroço, mesmo que não ache necessário. Isso sempre impressiona os suspeitos.

Da Costa – Como quiser, chefe.

Da Costa olha ao redor do local, mexendo em tudo e fazendo bastante barulho.

Carvalho (*para Maria*) – Então você foi a última a ver a vítima viva?

Maria – Na verdade, fui a primeira a vê-lo morto.

Carvalho – Exatamente o que eu queria dizer. Então você foi quem descobriu o corpo, tornando-a a principal suspeita.

Manolo – Por favor, Comissário!

Carvalho – E você faria melhor em fechar a boca e abri-la apenas quando lhe fizerem perguntas. Está bem?

Da Costa – Chefe, acho que encontrei a arma do crime.

Ele sai de trás do balcão com a pistola de plástico que Manolo tirou de Carlos.

Carvalho – Mas é uma pistola de brinquedo. Está claro.

Da Costa – Claro, chefe... Além disso, a vítima não morreu de um tiro.

Carvalho – Para isso, teremos que esperar pela autópsia. Eles podem tê-lo matado com esta pistola e depois colocado no congelador.

Da Costa – Mas você mesmo disse que é uma pistola de plástico...

Carvalho – Não tente me confundir, Da Costa... (*Ele fica em transe*) Tenho a sensação de que este assunto é muito mais complicado do que parece.

Da Costa – Sempre me pareceu assim.

Tiago – Não confie nas aparências, senhor comissário. A aguardente de batata pode causar alucinações.

Da Costa continua procurando.

Da Costa – Temos isso também.

Ele tira a espingarda de caça.

Carvalho – Esta espingarda é sua?

Manolo – Sim... Algum problema em caçar?

Carvalho – Não, mas... Pode ser suspeito... Quem rouba um ovo rouba centenas. Quem mata um javali já é, por si só, um assassino... O que há no andar de cima?

Manolo – Nossa casa.

Carvalho – Vamos, Da Costa... Vamos dar uma olhada lá... (*Olhando para as duas mulheres*) Isso parece ser um bordel.

Da Costa – Que ninguém se mova!

Carvalho – Você, a senhora, vá na frente.

Maria – Siga-me, por favor.

Carvalho faz um gesto para as duas mulheres.

Carvalho (*para Da Costa*) – Depois interrogaremos essas duas prostitutas.

Laura e Wendy trocam um olhar interrogativo. Os dois policiais seguem Maria. Eles saem. Manolo, Francisco e Charles estão preocupados. Eles esquecem da presença das duas mulheres que, há algum tempo, observam o que está acontecendo sem dizer uma palavra.

Manolo – Isso é o que faltava... Agora, um morto.

Francisco – Eu não fiz nada!

Manolo – Mas todos nós concordamos!

Tiago – Foi mais sua ideia, Manolo.

Wendy e Laura ficam chocadas.

Laura – Então, vocês estavam envolvidos nisso?

Wendy – Todos são cúmplices...

Laura – Cúmplices de um crime.

Elas se viram para eles, pegos em flagrante.

Francisco – Não, senhoras... Não é o que vocês estão pensando.

Tiago – Às vezes, as aparências enganam.

Pedro – Com certeza vocês entenderam errado.

Francisco – Certamente se trata de um homicídio involuntário.

Manolo – Para não dizer um acidente de trabalho.

Tiago – Apenas para dar um pouco de emoção.

Pedro – Para lhes dar um bom assunto para escrever sobre nós.

Francisco – Infelizmente, a situação se complicou.

Laura – Isso é coisa de loucos, eu lhe digo...

Manolo – Elas não vão nos denunciar à polícia, certo?

Laura – Estamos indo embora, Wendy.

Elas se levantam com a intenção de sair. Os policiais entram com Maria.

Carvalho – Ninguém sai daqui sem minha autorização.

As mulheres se sentam.

Carvalho – O que você acha?

Da Costa – Não está ruim... Bem aconchegante.

Carvalho – Não estou falando da decoração, seu imbecil! Estou falando da investigação.

Da Costa – Ah... Sim... Bem, na minha opinião...

Carvalho – Eu vejo... Vou ser eu quem vai encontrar a chave deste enigma, como sempre, confiando no meu instinto.

Carvalho se vira para os outros e percebe que algo está acontecendo.

Carvalho – Meu instinto me diz que todos esses selvagens estão escondendo algo. Confie na minha experiência, Da Costa.

Da Costa – Você está certo, Chefe. Eu diria mais: eles têm cara de assassinos...

Pedro – Por favor, senhores, imploro. Vocês estão falando com um Ministro da Igreja.

Carvalho – Não se deixe impressionar, Da Costa. Um Ministro da Igreja é para a hierarquia católica o que um recruta é para a hierarquia militar.

Pedro – De qualquer forma, comissário, no que me diz respeito, sou o prefeito desta aldeia.

Carvalho (para todos) – Bem... Chega de bobagens. Se tiverem algo a declarar, este é o momento.

Manolo – Bem...

Francisco – Quer dizer...

Tiago – Acho que...

Da Costa – Eu inclino-me pelo padre, Patrão. Parece ser um sujeito malandro...

Carvalho – Muito bem, já que ninguém quer falar, vamos proceder à identificação do corpo. Talvez isso refresque a memória de vocês...

Ele levanta a tampa do congelador.

Maria – Deixe-me tirar as batatas primeiro.

Carvalho (*para Manolo*) – Você, venha cá... Você reconhece a vítima ou não?

Manolo – Não sei como vou reconhecer a vítima se o rosto dele está coberto de gelo...

Da Costa – Também não vamos esperar que ele descongele...

Carvalho olha para as mulheres.

Carvalho – E vocês, as garotas, se aproximem.

Laura se aproxima, seguida por Wendy. Carvalho obriga Laura a enfiar a cabeça no congelador.

Carvalho – Você também não reconhece a vítima?

Laura – Que horror!

Wendy também olha.

Da Costa – Deve ser alguém da região, chefe. Parece ser um idiota. Além disso, ninguém entra em um lugar desses por acaso.

Carvalho não para de encarar as mulheres.

Carvalho – Então turistas...

Manolo – Eu garanto, senhor comissário. Elas são de Lisboa. Uma delas trabalha em um jornal e a outra na televisão.

Carvalho – Pode ser prostituta e trabalhar na televisão. O que você acha, Da Costa?

Da Costa – Eu apostaria mais em um caso de triângulo amoroso.

Carvalho (*para Francisco*) – Era amante de sua esposa. É por isso que você o matou.

Francisco – Eu não sou casado, Comissário.

Carvalho (*para Manolo*) – Então, você é o corno?

Da Costa – Parece ser o caso.

Manolo – De jeito nenhum... Bem... De certa forma... O padre é amante da minha esposa.

Carvalho – Já vejo... (*Olhando para as mulheres*) E vocês não viram nada, é claro... Para jornalistas, vocês não são muito observadoras, pelo que parece.

Laura – Bem... Desde a janela do andar de cima, eu pensei ter visto um homem parecido com o Zorro entrando no café.

Da Costa – Zorro?

Carvalho – Mas o que diabos vocês estavam fazendo lá em cima?

Da Costa – Talvez ela estivesse se envolvendo com o patrão.

Wendy – Esta senhora nos convidou a visitar o apartamento porque está à venda.

Carvalho – Então vocês viram esse Zorro entrar no Bar Manolo... (*Ironicamente*) Talvez ele seja o assassino, não acha, Da Costa? Veja se nosso serviço já tem ficha para esse Don Diego de la Vega...

Da Costa – Está certo, chefe... Pode repetir o nome?

Carvalho suspira.

Laura – Eu estava me referindo a um homem mascarado, senhor comissário.

Wendy – Também pode ser um roubo que acabou em tragédia.

Laura – Assim, sempre podemos alegar legítima defesa.

Carvalho – Vocês querem conduzir o interrogatório?

Laura – De jeito nenhum, senhor comissário.

Wendy – Embora eu esteja certa de que as coisas correriam muito melhor.

Carvalho – Bem, Da Costa... Você precisa fazer uma coleta de DNA agora.

Da Costa – Imediatamente, chefe.

Carvalho – Sabe para quê?

Da Costa – Para descobrir quem é o pai do bebê que cresceu dentro do congelador?

Carvalho – Não, para descobrir quem é o Zorro entre todos eles, idiota... Leve-os à prefeitura para interrogatório... e envie as evidências para o laboratório.

Da Costa – Vamos, sigam-me.

As duas mulheres se preparam para segui-lo.

Carvalho – Não, vocês não... Ainda tenho algumas perguntas para vocês...

Os outros saem.

Carvalho – Bem, agora que estamos sozinhos, podem me contar o que estão realmente fazendo neste canto esquecido. É estranho que a imprensa apareça antes da polícia no local do crime. Especialmente em um lugar como este...

Laura – Foi pura coincidência, senhor comissário. Eu garanto.

Carvalho – Ou seja, estavam no lugar do crime no momento menos apropriado (*Para Wendy*) E você, não tem nada para me dizer? Para uma produtora de televisão, você tem pouca imaginação.

Wendy – Agora é você quem está faltando com imaginação, senhor Comissário, se me permite dizer.

Carvalho – Bem... Estou a ouvi-la...

Laura – A verdade é que neste lugar há uma ampla variedade de tipos. Já reparou na aparência selvagem de todos eles?

Carvalho – A verdade é que você não está errada...

Wendy – Você mesmo, senhor Comissário... Ninguém lhe disse que tem uma aparência muito atraente para a televisão?

Carvalho – Você acha?

Wendy – Pois é... Talvez seja melhor para o cinema do que para a televisão... Eu vou lhe dar meu cartão, se você quiser.

Carvalho observa as duas mulheres.

Carvalho – Posso perguntar que tipo de relação existe entre vocês duas?

Wendy – Relação?

Carvalho – Vamos... Acho que vocês me entendem...

Laura – Mas o que isso tem a ver com o que aconteceu aqui?

Carvalho – Nada... Apenas curiosidade mórbida...

Manolo, Francisco, Tiago e Don Pedro entram. Eles parecem envergonhados.

Carvalho – Bem, se retirem, mas não saiam da área até novo aviso...

Wendy e Laura se afastam.

Francisco – Queremos falar com você, senhor Comissário... Como o Primeiro Magistrado desta comunidade...

Carvalho – Vamos direto ao ponto...

Francisco – A situação está além de nós... Conversamos entre nós e achamos que, para certas coisas, você deveria saber...

Carvalho – Ou seja...

Manolo – Sabemos quem é a vítima.

Carvalho – O que está acontecendo, recuperaram a memória de repente?

Pedro – É o meu sobrinho.

Francisco – Quero dizer, o meu primo.

Manolo – Em resumo, meu afilhado...

Francisco – Há anos ele estava treinando para o concurso "Caça talentos".

Pedro – Era um contorcionista.

Manolo – Um dia ele conseguiu se esconder dentro de uma mala.

Carvalho – Ou seja, agora podemos dizer que ele brincou de se esconder no congelador.

Tiago – Isso mesmo... Foi um acidente...

Carvalho – Então foi você quem o colocou no congelador?

Manolo – Bem, sim, senhor Comissário.

Pedro – Mas não é o que parece...

Manolo – Pensei que o congelador estava desligado.

Carvalho parece cético.

Carvalho – Se você estivesse no meu lugar e ouvisse uma história dessas, o que pensaria?

Da Costa retorna seguido de Maria.

Carvalho – Por enquanto, vamos levá-los para a delegacia de helicóptero e lá eles nos contarão o que aconteceu. Provavelmente suas línguas soltarão com nossos métodos infalíveis.

Tiago – Acho que não caberíamos todos no helicóptero.

Francisco – Talvez deversem começar a interrogar o dono deste café. É o congelador dele...

Pedro – E seu afilhado. Afinal de contas, tudo fica em família.

Manolo – Eu não esperava menos de você, Padre.

Pedro – Senhor Comissário, permita-me pelo menos dar a última bênção ao falecido.

Carvalho – Tudo bem, mas rápido.

Francisco se aproxima de Carvalho com um ar conspirador.

Francisco – Enquanto isso, poderíamos resolver isso para evitar complicações. A justiça está sobrecarregada!

Carvalho – Ou seja, eu também posso acusá-lo de tentativa de suborno a um funcionário.

Francisco – Não... De jeito nenhum, senhor Comissário, já que ambos estamos a serviço de Portugal! Tecnicamente, não pode haver corrupção entre servidores da Pátria. Estou apenas propondo um acordo em prol do interesse da Nação.

Carvalho – Visto por esse prisma... Quanto?

Francisco – Vamos dizer...

Don Pedro abre a porta do congelador e faz o sinal da cruz.

Pedro – Meu Deus!

Carvalho – O que está acontecendo agora?

Pedro – O cadáver... Ele ressuscitou...

Da Costa examina o corpo descongelado.

Da Costa – Ele está certo, chefe... A vítima abriu um olho...

Manolo – O gelo derreteu.

Maria – O freezer deve ter quebrado. Ainda bem que não congelou todas as batatas.

Carvalho – Apesar de tudo, ele não parece muito fresco...

Tiago – Você já disse antes... Quando a cadeia de frio é quebrada...

Carlos sai do congelador, como o Drácula de seu caixão.

Pedro – Senhor Deus! *(Ele faz o sinal da cruz)* Como Jesus ressuscitado...

Carlos – A grana! A grana!

Da Costa – Isso já não tem nada a ver com santidade.

Maria – A que dinheiro você está se referindo?

Manolo – Eu vou te explicar, Maria.

Carvalho – As explicações são para a polícia. Que farsa!

Francisco – Lamentamos, senhor Comissário. Era apenas uma aposta estúpida.

Pedro – Queríamos que o relatório fosse para a televisão.

Carvalho – Ele sabia disso?

Da Costa *(para Carlos)* – Você quer denunciá-los?

Carlos – O que eu quero é aparecer na televisão.

Tiago – Mas se você vê que não aconteceu nada com ele, senhor Comissário.

Da Costa – Ele parece um pouco perturbado. Pode ter sequelas.

Maria – Esse é o aspecto normal dele, senhor Comissário.

Francisco – Eu diria que ele está mais esperto do que o normal.

Manolo – Um pouco de álcool de batata vai terminar de descongelá-lo.

Maria serve alguns copos.

Tiago – Eu uso isso como descongelante para o radiador do meu carro. É muito prático.

Manolo entrega a garrafa para Carlos, que bebe direto.

Carvalho – Da Costa, vamos embora, aqui não há mais nada para descobrir. Sem cadáver, não há crime.

Maria – Outra dose, senhor Comissário?

Carvalho – Não vou recusar.

Maria serve Carvalho, que bebe de um gole.

Carvalho – Claro, isso ressuscita um morto.

De fato, Carlos volta à vida. Ele dá alguns passos hesitantes.

Pedro – Não vêm como ele está? É um milagre!

Tiago – Um milagre? Talvez possa ser homologado.

Pedro – Um caso de descongelação milagrosa? Tenho minhas dúvidas...

Francisco – Sim, senhor... Um milagre! Isso é o que precisamos.

Manolo – Como Jesus. Um tipo que parecia morto e ressuscita.

Maria – Pode funcionar...

Laura – Da última vez que algo assim aconteceu, foi um grande sucesso. Isso foi há mais de dois mil anos, e ainda está funcionando muito bem.

Wendy – Bem, ele ressuscitou dos filetes congelados, mas claro...

Francisco – Você está certa... É um sinal do céu. O golpe final que esperávamos do Altíssimo. Faremos de Vilaburros da Igreja um lugar de peregrinação...

Maria – O que você acha que deveríamos fazer, Padre?

Pedro – Mas é um falso milagre. Ninguém melhor do que nós para saber disso.

Manolo – De qualquer forma, milagres verdadeiros não existem, não é?

Don Pedro olha para Carlos.

Pedro – Talvez você esteja certo. É Deus quem nos envia. Não disse Jesus: Bem-aventurados os pobres de espírito...

Francisco – Faremos de Carlos um Santo. São Carlos. Faremos deste lugar um novo Lourdes.

Tiago – Carlos, claro... Quer dizer JC. Estava predestinado...

Francisco – Vejo as manchetes na agenda paroquial: Vítima de pesticidas e de um acidente de congelamento, volta milagrosamente à vida!

Pedro – Glória a Deus nos céus!

Manolo – Uma nova era se abre para Vilaburros da Igreja!

Francisco – Amigos meus, estamos vivendo um momento histórico.

Tiago – O ano Um depois de JC.

Pedro – Seria importante erguer um monumento para ele. Os peregrinos precisam de um símbolo.

Tiago – São Carlos saindo de seu freezer, como Jesus saindo de seu túmulo? Isso poderia funcionar...

Francisco – Seria importante o apoio da imprensa.

Manolo – Mas nós a temos aqui!

Pedro – Meu Deus, finalmente esta cidade terá uma segunda chance.

Laura e Wendy olham para todos com espanto.

Laura – Esta é uma cidade de retardados... Eles estão em pleno delírio sectário... Vamos embora antes que eles decidam cortar o pescoço de uma galinha ou realizar um sacrifício humano...

Wendy reconsidera.

Wendy – Você está louca? Você não percebe a importância disso? Você deveria escrever um artigo.

Laura – Você tem certeza?

Wendy – Confie em mim. Em três dias, isso será a Gruta de Belém. E nós somos os primeiros a descobrir isso... Imagine o sucesso de noticiar que havia um jornalista aqui na hora certa.

Laura se aproxima de Carlos.

Laura – Bom dia, Carlos... Acho que você já é conhecido como o Messias de Vilaburros da Igreja. Você planeja criar uma nova religião?

Carlos – Eu apareceria na TV?

Wendy – Claro. Se fizermos isso direito, você poderia até ter seu próprio programa...

O telefone de Da Costa toca. Ele atende.

Da Costa – Inspetor Da Costa no aparelho. Quem está ligando? Afirmativo... Entendi, vou comentar... *(Ele desliga)* Chefe, temos os resultados dos testes de DNA.

Carvalho – Vamos ver... Já sabemos quem é a vítima e conhecemos seu padrinho...

Da Costa – Sim, mas graças à genética, agora sabemos quem é o pai.

Maria – O pai de Carlos? E quem é?

Da Costa – Aparentemente, é o padre.

Todos olham para Don Pedro.

Pedro – Eu? Isso não é possível... Deve ser um erro...

Carvalho – Ou outro milagre...

Laura – Com certeza esta é a aldeia mais estranha de todo Portugal.

Wendy – Está feito...

Laura – A que se refere?

Wendy – Encontrei um novo conceito de reality show.

Laura – "Bem-vindos à Paróquia"?

Wendy – Não, "A pior aldeia de Portugal"! Todas as comunidades podem competir. Como ponto culminante, convidaremos várias personalidades para passarem um mês no que é conhecido como o cu do mundo... O que achas?

Laura – Sim... Poderia funcionar ainda melhor do que "Caça de Talentos".

Wendy – Aleluia! A Produções WC também acabou de ressuscitar.

Laura – Desculpa... Acho que é hora de fazer outra entrevista exclusiva...

Laura aproxima-se de Don Pedro.

Laura – Diz-se que o senhor é o pai do novo Messias... Não estaria interessado em ganhar créditos?

Pedro – Ganhar?

Wendy – Trabalha para a casa-mãe há trinta anos, ou seja, o Vaticano.

Pedro – E como agradecimento, eles queriam fechar a minha Paróquia...

Wendy – Como pai do Messias, poderia registrar-se como trabalhador independente...

Laura – De qualquer forma, precisará de uma Assessora de Imprensa.

Carlos olha para Don Pedro com um ar distraído.

Carlos – Papá!

Wendy – Além disso, precisará de um coach ao seu lado durante o programa.

Laura – Está disposto a tudo, Senhor Padre?

Pedro – De qualquer forma, minha irmã, por você eu seria capaz de pendurar a batina agora mesmo...

Apagão.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
A representação não está cancelada
Apenas um instante antes do fim do mundo
Bem está o que mal começa
Bem-vindos a bordo!
Cara ou coroa
Cenas de Rua
Crash Zone
Crise e Castigo
Cuidado, frágil !
Denominação de Origem Não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Encontro na plataforma
Euro Star
Flagrante Delírio
Gay friendly
Há um autor na sala?
Há um piloto a bordo?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
No fim da linha
O amor é cego
O Cheiro do Dinheiro
O Cuco
O genro perfeito
O Jackpot
O Joker
O Rei dos idiotas
Os Náufragos do Costa Mucho
Plágio
Por debaixo da mesa
Preliminares
Prognóstico reservado
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Sem flores nem coroas
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um pequeno assassinato sem consequências
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*

<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Novembro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-026-1

Documento para download gratuito